

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

CÂMPUS JATAÍ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO PARA CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**SILVON ALVES GUIMARÃES**

**GUIA PARA REALIZAÇÃO DE EVENTOS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A  
PARTIR DO PIBID**

Jataí - Goiás

2016

**SILVON ALVES GUIMARÃES**

**GUIA PARA REALIZAÇÃO DE EVENTOS SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE A  
PARTIR DO PIBID**

Produto Final, vinculado à pesquisa de mestrado “A Formação de Professores no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) /Subprojeto de Física-IFG: uma análise discursiva”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e Matemática.

**Área de concentração:** Ensino de Ciências e Matemática

**Linha de pesquisa:** Organização Escolar, Formação Docente e Educação para Ciências e Matemática

**Sublinha de pesquisa:** Linguagem, Cultura e Sociedade

**Orientadora:** Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais

Jataí - Goiás

2016

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	5
<b>2. Definição e tipologia de eventos</b> .....	6
<b>3. Linhas de debate sugeridas</b> .....	8
3.1 A relação Teoria/Prática .....	8
3.2 A identidade do professor .....	10
<b>3.3 Motivação e qualidade no ensino de Física</b> .....	11
3.4 Concepções de Ciência .....	13
3.5 O “novo” ensino de Física .....	14
3.6 Outros debates possíveis .....	15
<b>4. Planejamento de eventos</b> .....	16
4.1 Objetivos .....	16
<b>4.1.1 Objetivo geral</b> .....	16
<b>4.1.2 Objetivos Específicos</b> .....	16
4.2 Público Alvo .....	17
4.3 Recursos humanos .....	17
4.4 Recursos materiais .....	18
4.5 Avaliação do evento .....	19
4.6 Lista de checagem .....	19
<b>5. Cerimonial e protocolo</b> .....	20
5.1 Composição de mesas diretivas .....	21
5.1.1 Evento com mesa composta de número ímpar de pessoas .....	21
<b>5.1.2 Evento com mesa composta de número par de pessoas</b> .....	22
5.2 Precedência .....	22
5.3 Uso da Bandeira Nacional .....	22
<b>5.3.1 Esquema de dispositivo de bandeiras quando hasteadas</b> .....	23
5.4 Execução de Hinos .....	23
5.5 Mestre de cerimônias .....	24
5.6 Formas de Tratamentos .....	25
<b>Referências</b> .....	27
<b>APÊNDICES</b> .....	29



## 1. Introdução

Enquanto ainda na graduação, o estudante de licenciatura se depara com dilemas e dificuldades que tendem a aumentar quando ele vai para a sala de aula. Estudiosos da formação docente, como Tardif (2002, p. 84), citam a necessidade de se dar um enfoque nesta fase inicial da carreira, justamente por esse tempo ser considerado “um período muito importante da história profissional do professor, determinando inclusive seu futuro e sua relação com o trabalho”.

Ao chegar à realidade escolar, o professor recém formado, sofre o que Gauthier (1998) denominou de choque de realidade, normalmente ligado à exigência de atuação na resolução de vários problemas, entre os quais podemos citar: problemas em conduzir o processo de ensino e de aprendizagem, considerando as etapas de desenvolvimento de seus alunos e o conteúdo a ser desenvolvido; problemas com a indisciplina e com a organização da sala de aula.

Este Guia para a produção de eventos foi elaborado com a finalidade de promover discussões sobre temas relacionados com a formação docente, mais especificamente, com as experiências dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) – alunos, professores supervisores, coordenadores de área – que buscam a promoção de melhorias na qualificação dos profissionais da Educação.

Ao abordamos a produção de eventos, procuramos romper com a ideia de atividade restrita aos setores das Instituições de Ensino Superior (IES), e entendemos esses eventos científicos como atividades de comunicação dirigida, que visa à promoção da troca de experiência entre os sujeitos envolvidos com a formação de professores, tanto os formandos, quanto os formadores, como também os que buscam uma formação continuada.

Larrosa (2002, p. 24) entende que a criação de eventos em que se discuta a formação docente é relevante, pois:

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Portanto, produzir um evento que discuta a formação de professores, enquanto prática, será enriquecedor, pois irá além das teorias acadêmicas, abrindo espaço para as práticas e as vivências coletivas, a partir de situações experimentadas pelos pibidianos alunos, professores supervisores e coordenadores de área. Por isso, a finalidade da produção deste Guia para organização de eventos é que ele seja um instrumento que facilite o planejamento, a execução, a organização e a avaliação desses eventos.

## **2. Definição e tipologia de eventos**

Planejar, organizar e executar um evento não constituem tarefas fáceis. Porém, recorrer a guias e manuais de cerimoniais e protocolos pode suavizar o processo e, desta forma, contribuir para o sucesso do evento. Assim sendo, “o trabalho desenvolvido na organização geral de um evento e na condução do cerimonial e do protocolo contribui na formação da imagem que as pessoas envolvidas vão guardar” do assunto abrangido no evento (BRASIL, 2010a, p. 3).

Muitas vezes, um evento é apenas um ponto de uma série de atividades que acontecem sobre determinado tema. Em outras ocasiões, é a peça principal. Mas em qualquer das situações, a abertura de um evento é sempre uma vitrine de destaque. Nessa lógica, a execução do cerimonial e a ordem do protocolo contribuem, fundamentalmente, para o sucesso da realização dos eventos (BRASIL, 2010a, p. 3).

Portanto, os eventos diferem das outras formas de comunicação – que objetivam informar –, no aspecto da experiência compartilhada, possibilitando, assim, a criação de um laço entre os participantes. Essa característica dos eventos pode contribuir para a promoção de valores culturais, incidindo sobre a motivação para a ação. Desta forma, por se dar atenção à organização, divulgação e estruturação, pode-se melhorar o retorno esperado.

Por isso, deve-se levar em conta que:

todo evento transmite uma gama variada de informações além daquelas oralmente expressas. A recepção, o local, a forma de tratamento e a condução dos trabalhos conferem ao acontecimento maior ou menor distinção (BRASIL, 2007, p. 10).

Para que se obtenha êxito na realização de um evento, deve-se definir claramente o tema, identificar o público-alvo, verificar datas, horários, locais e infraestrutura. Todos os preparativos devem ser feitos com antecedência, evitando surpresas de última hora.

Um ponto a lembramos é que “um evento caracteriza-se por ser uma atividade momentânea em que não há possibilidade de ser refeita. As mudanças feitas de última hora demonstram falta de organização, comprometem e sempre são percebidas pelos participantes” (BRASIL, 2007, p. 11).

Entre os tipos de eventos passíveis de serem realizados numa interface com o Pibid, destacamos as seguintes modalidades, definidas pelo Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (BRASIL, 2010a):

- Colóquio: evento semelhante à conferência, apresentado por um profissional renomado, com bastante conhecimento do tema.
- Conferência: exposição de determinado assunto por um conferencista especializado, sendo que, logo em seguida, o espaço é aberto ao público presente;
- Congresso: evento de grande porte, em que vários temas são discutidos. Tem a duração de vários dias. Os participantes contam com atividades sociais e culturais;
- Convenção: evento que reúne um grupo de pessoas para a apresentação de vários assuntos, com a presença de um coordenador. Tem a duração de vários dias;
- Encontro: exposição e debate de determinados temas por pessoas de uma mesma categoria profissional;
- Exposição: Divulgação de trabalhos acadêmicos e demais atividades realizadas pelas instituições de ensino;
- Fórum: exposição sobre um determinado tema, com a participação de um coordenador. Este evento se caracteriza pela discussão e debate. Tem a duração de um ou mais dias. O público participa com questionamentos;
- Jornada: encontro de grupos de profissionais para discutir assuntos de interesse da área;
- Mesa-redonda: grupo coordenado por um moderador, em que cada participante possui tempo limitado para suas falas. Logo após, tem início um debate;
- Oficina: evento que se caracteriza pela exposição de um tema, seguido de uma demonstração prática do assunto. Utilizado na área da educação como parte da semana acadêmica ou do seminário;
- Painel: debate entre vários palestrantes, sobre um tema específico. Um coordenador é designado como mediador. Nesta modalidade de evento não há participação da assistência;

- Palestra: exposição de um assunto para uma plateia, seguida de espaço para perguntas;
- Semana: evento similar ao congresso, mas de menor porte, em que vários temas são discutidos. Pode durar vários dias;
- Seminário: exposição feita por uma ou mais pessoas, com a presença de um coordenador.
- Simpósio: exposição de vários palestrantes sobre um tema científico. Um coordenador é designado como mediador. O objetivo do simpósio é o intercâmbio das ideias.

### **3. Linhas de debate sugeridas**

As Instituições de Ensino Superior têm uma importante parcela – por razões de prestígio, sustentação científica e produção cultural – na formação de professores. Porém, ainda persiste certo descompasso entre a formação oferecida e a realidade da escola pública. Nóvoa (2003, p. 5) afirma que “a bagagem essencial de um professor se adquire na escola, através de experiência e da reflexão sobre a experiência”. No entanto, essa “reflexão sobre a experiência” não surge do nada, por uma espécie de geração espontânea, ela tem regras e métodos próprios.

Partindo dessas premissas, este Guia busca contribuir com o levantamento de algumas temáticas que podem figurar na programação de eventos voltados à relação do Pibid com o processo de formação docente. Cabe lembrar, contudo, que esse mapeamento de temas e linhas de debate não possui caráter taxativo ou tem pretensões de exaustividade. Trata-se de um rol de sugestões, advindas de pesquisas que realizamos acerca do Pibid e que poderão ser adequadas a novas realidades, ou mesmo suplantadas por outras temáticas demandadas por esses contextos. Segue, anexa, sugestão de Programação de Evento (Anexo I).

#### **3.1 A relação Teoria/Prática**

Relacionado com a formação dos professores, sugerimos uma linha de debate que abranja a reflexão da experiência, vivenciada na escola campo, que ofereça contribuições para uma melhoria na questão da integração (ou não) entre a formação pedagógica (saber das IES) e a formação específica (a prática na sala de aula). O tratamento desse tema permitirá aos participantes refletir sobre a fragmentação do conhecimento, a qual resulta

em perda para a formação docente, além de dar margem para a permanência de um ensino incompatível com as demandas formativas dos sujeitos no contexto escolar.

De acordo com Guarnieri (2005), a desarticulação entre teoria e prática pode ser observada desde a estruturação das matrizes curriculares até a fase concludente da graduação, em que ocorre uma restrição da atuação dos licenciandos, limitando, assim, a articulação dos conhecimentos específicos com os pedagógicos. Nóvoa (1997) entende que, em parte, este posicionamento se deve ao fato de que a pedagogia científica:

tende a legitimar a razão instrumental: os esforços de racionalização do ensino não se concretizam a partir de uma valorização dos saberes de que os professores são portadores, mas sim através de um esforço para impor novos saberes ditos “científicos”. A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva (NÓVOA, 1997, p. 16).

Desta forma, Pimenta (2005, p. 61) entende que a relação teoria/prática precisa ser muito bem entendida, pois “a essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem. Ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar”.

Portanto, os debates nesta linha objetivarão compreender como é possível alcançar um deslocamento da instrumentalização do conhecimento teleológico para o campo da experiência – como lugar da produção do saber –, promovendo, com isso, a conciliação entre as atividades vivenciadas pelos alunos na escola e a reflexão crítica organizada e planejada. Ou seja, recorrer-se-á aos princípios da alteridade e do acontecimento das ações adotadas pelos licenciandos, enquanto bolsistas Pibid, em atuação na escola, buscando entender os desafios de superação da perspectiva de linearidade, na relação entre teoria e prática, para que se possa alcançar mudanças significativas nas práticas dos licenciandos.

Outros questionamentos que podem ser debatidos entre os participantes do evento é: como a reflexão da experiência pode evitar que o “senso comum” se torne a visão principal dos futuros professores? Que papel, desempenhado pelos coordenadores de área e professores supervisores, pode contribuir para um posicionamento crítico dos licenciandos, em vez de simplesmente enxergarem os dilemas do ensino como “naturais”? Acima de tudo, como evitar a ideia de que a teoria – aprendida na IES – seja um manual com os modelos perfeitos de ensino?

A reflexão sobre a experiência vivida – tanto pelos alunos, como formandos, quanto pelos professores, como formadores – pode subsidiar um conhecimento capaz de romper com o modelo educativo racionalista e técnico. Porém, como evitar a armadilha de cair em um movimento extremista, saindo do “tecnicismo” rumo ao “praticismo”? Que posicionamentos podem contribuir para se evitar a visão dicotômica da relação entre teoria e prática?

No âmbito das IES, pode-se debater em que aspectos o Pibid se diferencia ou se aproxima do estágio supervisionado obrigatório dos cursos de licenciaturas, também sua distinção em relação a projetos específicos de intervenção didática e de projetos de pesquisa. Será que o Pibid apresenta vantagens na promoção da prática integradora em questões tais como: Ensino, Pesquisa e Extensão?

### **3.2 A identidade do professor**

Tendo em vista que o propósito geral dos eventos em questão será debater o papel do Pibid para impulsionar uma dinâmica de construção de conhecimentos no processo de formação docente, uma segunda linha de debate sugerida relaciona-se com a formação da identidade do professor.

Os saberes dos professores estão relacionados com sua identidade, vivência e história. Contudo, segundo Tardif (2002, p. 17), “o saber não é uma coisa que flutua no espaço”. É preciso, portanto, promover uma reflexão sobre a identidade docente, como forma de visualizar um saber que se constrói e reconstrói na prática da sala de aula.

Falando sobre este ponto, Gregolin (2001, p. 10) diz que:

inserido na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, os sujeitos só podem enxergar os sentidos no seu pleno voo.

Sendo assim, o debate sobre a identidade docente, realizado pelos próprios licenciandos, possibilita que estes reflitam sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula. Desta forma, ao mesmo tempo em que apontam suas dificuldades, os bolsistas alunos podem visualizar novos métodos que, se forem devidamente aplicados, poderão contribuir para a melhoria da prática docente.

Ao promover debates abertos sobre as percepções dos bolsistas Pibid, referente a identidade do professor em formação e dos sujeitos em atuação, será possível traçar um

comparativo entre as perspectivas de formação que esses licenciados possuíam ao ingressar no Pibid e os avanços alcançados, possibilitando, assim, que se faça um diagnóstico das ações empreendidas no Programa, no intuito de torná-las mais eficientes. Nesse sentido, as reflexões podem abranger as seguintes questões: o Pibid trouxe a melhoria da autoestima aos graduandos em licenciatura? Promoveu a valorização da carreira docente, pautada no comprometimento e no envolvimento com um determinado projeto de sociedade? A expectativa dos alunos bolsistas, quanto a receberem formação diferenciada, foi atingida? O modelo de formação do professor de Física, idealizado no Projeto Institucional Pibid e nos subprojetos, têm sido alcançados?

Outro debate que contribuirá para se pensar de forma crítica a formação docente é com respeito à metodologia de ensino. Quando se ensina fórmulas de física, sem a devida contextualização, essas fórmulas não formam um significado para os alunos, que até poderão utilizá-las para obterem resultados, mas, mesmo assim, elas continuarão a não ter nenhum significado para eles. Nesse caso, tanto os alunos, como parte dos professores do ensino médio, acabam desenvolvendo noções de física “soltas e marginalizadas, incapazes de resistir ao choque com outras ideias e, até mesmo, ao tempo” (VILLANI, 1984, p. 90). Portanto, outro questionamento que poderá ser abrangido, durante o evento, relaciona-se com as dificuldades no ensino de física, mais especificamente, com a superação da “mecanização” dos conhecimentos, sem antes haver uma reflexão qualitativa. Por exemplo, como utilizar as fórmulas, não como símbolos de “verdade” absoluta, usadas para a obtenção de dados quantitativos, mas como a representação de um fenômeno físico?

Ainda dentro da linha de debate da identidade do professor, será proveitosa a discussão sobre a utilização dos jogos lúdicos no ensino de física. A concepção piagetiana da psicologia genética sugere, segundo Aranha e Martins (1993, p. 291), que os jogos lúdicos podem contribuir para que a criança progrida “da intuição para a operação, se tornando capaz de constituir sistemas de conjuntos”. Será que os jogos realmente desempenham um papel fundamental no ensino de física? De que maneiras o lúdico pode contribuir para o aprendizado? Quais são os cuidados a se tomar, ao empreender o uso dos jogos lúdicos? É possível usar os jogos no ensino de física, sem legitimar a prática de um ensino, e, por consequência, de identidades, focadas no produtivismo e no racionalismo?

### **3.3 Motivação e qualidade no ensino de Física**

No contexto escolar, um fator que é considerado primordial para o bom desempenho dos alunos tem a ver com a motivação. Por isso, outra linha de debate sugerida relaciona-se com a motivação e a qualidade no ensino de Física. Segundo Bzuneck (2009), é no contexto da sala de aula que se pode apreender os elementos que geram a motivação dos alunos. Portanto, um debate em torno das atividades desenvolvidas em sala de aula poderá apontar novos horizontes.

As discussões nesta linha poderão partir da reclamação/denúncia, dos professores de Física, de uma provável falta de interesse e motivação dos alunos. De acordo com Ricardo (2010), no decorrer do processo de escolarização, os professores se confrontam com questões tais como: que fatores têm contribuído para que os alunos não gostem da Física? Será que o ensino de Física, que abrange os fenômenos da natureza e da tecnologia, tem conseguido estabelecer uma ligação com o cotidiano da vida dos alunos?

O debate sobre a motivação para o aprendizado deve considerar, também, os fatores de caráter metodológico, relacionados com a maneira como a disciplina está sendo ensinada nas escolas. Em geral, quando se toca nesse tema, muitos reconhecem a importância dos experimentos de Física. Porém, as questões a serem respondidas são: que fatores têm impedido que ações efetivas sejam adotadas nesta área instrumental? Será que os professores estão preparados para usar os experimentos, de forma que facilite o aprendizado do aluno? Estão as escolas equipadas com o mínimo necessário para realização dos experimentos?

Motivar os alunos para gostarem de Física, com certeza não é uma tarefa fácil. Nesse respeito, será que os alunos bolsistas têm recebido o suporte adequado para desenvolverem metodologias, que possam motivar os alunos e promover a qualidade no ensino de Física? Que ações podem adotar os coordenadores de área e os professores supervisores, para amenizar a pouca experiência dos licenciandos, ajudando-os, assim, a superarem as dificuldades e, eles mesmos, se sentirem motivados?

Os questionamentos devem proporcionar argumentos que contribuam para a superação da concepção produtivista, em que qualidade e motivação são confundidas com dinamismo e resultados quantitativos. Portanto, a questão que pode ser levantada é: como utilizar os princípios da motivação e qualidade sem estar avalizando a permanência da estrutura vigente? É possível buscar a qualidade no ensino sem ser excludente? Será que a busca da qualidade no ensino tem um enfoque exclusivo na educação para o mundo do trabalho?

### 3.4 Concepções de Ciência

A História da ciência tem sido utilizada na formação docente com o objetivo de contextualizar e auxiliar os futuros professores a terem um suporte teórico que os possibilite compreender a dinâmica da produção do conhecimento científico. A partir desse pressuposto, propomos uma linha de debate que abranja as concepções de ciência que permeiam o imaginário dos bolsistas Pibid de Física. O foco das discussões nessa linha de debate se concentrará em detectar a ocorrência de visões predominantes sobre a natureza da ciência e sua relação com a sociedade, buscando, desta forma, uma superação dos obstáculos pedagógicos que as distorções sobre a ciência e seu papel podem acarretar.

As discussões sobre os caminhos da ciência podem ajudar os participantes do evento a obterem conhecimento dos vieses científicos, possibilitando uma reflexão sobre a forma como se tem ensinado e como se aprende ciências e física nas escolas. Portanto, esse debate promoverá uma investigação do contexto da formação inicial e também, por extensão, da formação continuada, buscando o entendimento e as possibilidades de se fazer uma problematização das visões de ciência presentes entre os alunos bolsistas em formação e professores que atuam no processo de formação.

Dessa forma, essa linha de debate que propomos terá como ponto focal as formas como as concepções de natureza da ciência estão sendo aprendidas e ensinadas na IES e na escola básica. Desse ponto, poderá emergir uma análise sobre o processo de ensino e aprendizagem da ciência e da física. Os participantes poderão visualizar o ensino de ciências como parte de um processo social, histórico, cultural e provisório. Ou seja, reconhecendo que é preciso superar a ideia de que os conhecimentos científicos contenham verdades absolutas.

Promover debates sobre as concepções de ciência, presentes nas ações dos professores e futuros professores, é muito relevante, pois, como citam Chauí (1995) e Chalmers (1993), as tendências que foram se formando sobre o que é ciência têm origem tanto no campo científico como no campo educacional. Assim, essas concepções se desenvolvem, solidificam e são abandonadas a partir das demandas que surgem na própria escola, sendo influenciadas, algumas vezes, por um contexto social amplo. Esse debate, portanto, buscará romper com as visões tradicionais de ciência e promover uma (re)construção dos conceitos e do posicionamento dos professores frente ao ensino de ciências.

É importante ressaltar que essas discussões, promovidas no âmbito da formação docente, que possibilitam o entendimento sobre o que é ciência, são relevantes, pois, ainda

que em um nível de senso comum, esse entendimento influenciará o modo como o futuro professor ministrará suas aulas. Se o licenciando concebe ciência como sendo a expressão do saber derradeiro, que contém respostas a todas as indagações do ser humano, ele ensinará ciências como sendo o “conhecimento verdadeiro por oposição ao conhecimento errado ou duvidoso ou a Verdade, com V maiúsculo, em contraste com as verdades menores” (SCHWARTZMAN, 1984, p. 54). Se a ciência for vista como um conhecimento vinculado ao cotidiano, com certeza, a maneira como se ministrará o ensino de ciências diferirá. Por isso, essa linha de debate, se faz tão importante.

### **3.5 O “novo” ensino de Física**

A cada ano, novas propostas educacionais buscam dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. Porém, embora alguns lampejos de esclarecimento tenham sido oferecidos, ainda continua sendo difícil uma introdução maciça do “novo” ensino de física. De fato, introduzir novidades no ensino, especialmente no ensino de física, envolve um processo contínuo de discussão, investigação e atuação, sendo necessário um diálogo constante entre todos os envolvidos. Por isso, propomos uma linha de debate sobre a introdução das inovações no ensino de física, pois concordamos com Kawamura e Hosoume (2003, p. 9) que dizem que este processo de introdução do novo no ensino será “lento, com idas e vindas, através do qual se espera que possam ser identificadas as várias dimensões dos problemas a serem enfrentados e ir introduzindo a correção de rumos necessária. Um processo de construção coletiva”.

Nessa linha de discussões, buscar-se-á a ideia de uma física como cultura ampla e como cultura prática, como uma ciência que se coloque a serviço da construção de uma visão crítica de mundo. De acordo com Menezes (2000), a introdução de uma inovação educacional deve possibilitar a reflexão e a compreensão dos objetivos do ensino escolar, deve prover o suporte necessário para que se aplique uma metodologia diferente do modelo “tradicional”. Portanto, o debate sobre o ensino inovador pode ajudar a definir estratégias para aplicar um novo ensino.

As discussões sobre o novo ensino de Física procurarão responder a questionamentos tais como: como é possível introduzir uma inovação educacional que supere a ideia da IES, como centro produtor do conhecimento e as escolas como receptores passivos desse conhecimento? Como fugir da ideia de que uma novidade educacional esteja relacionada com aulas show?

A inovação no campo educacional abrange a utilização de novos materiais, novos currículos e tecnologias e o uso de novas abordagens. Portanto, que estratégias e fundamentos podem ser adotados para que o foco não esteja apenas na utilização de novos materiais, mas também na ressignificação permanente dos saberes?

### **3.6 Outros debates possíveis**

Promover debates e discussões entre os formandos e os formadores possibilita a apreensão das práticas de sala de aula e de analisar de que forma estas estão impactando no ensino de ciências e física. Assim, além das linhas de debate sugeridas, listamos outros temas/questões que poderão dar voz aos pibidianos, por se tratarem de questionamentos que envolvem as suas experiências, enquanto participantes do Programa:

- Os relatos das práticas executadas pelos pibidianos, enquanto coautores do processo de transformação da aprendizagem, comprovam ou desabonam a pretensa eficácia do Pibid na construção da formação docente?
- Contribuições dos subprojetos de Física/Pibid para a formação inicial de docentes em cursos de licenciatura: concepções educacionais e aspectos didáticos.
- Contribuições dos subprojetos de Física/Pibid para a aprendizagem dos conteúdos de Física pelos alunos das escolas-campo.
- Relações de poder entre IES e escola em contextos de desenvolvimento de projetos Pibid (palestra).
- Impactos do Pibid para a formação crítica dos alunos da Educação Básica.
- Aproximações e diferenças entre estágio-estágio e bolsa-Pibid na licenciatura.

Outras linhas de debates que podem ser desenvolvidas no evento são:

- LT1. Formação inicial de professores.
- LT2. Gestão e ações no/sobre ambiente escolar.
- LT3. Experiências e Reflexões.
- LT4. Metodologias e Recursos Didático-Pedagógicos.
- LT5. Educação Inclusiva.
- LT6. Inovações Curriculares.
- LT7. Experiências de caráter motivador e Inovação Pedagógica.
- LT8. Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação.
- LT9. Políticas Públicas Educacionais.
- LT10. Espaços formativos, memórias e narrativas.

Segue anexa uma sugestão/modelo de carta-convite para participação como palestrante, conferencista, orador ou participação em debate no evento (Anexo II). Também, anexamos uma sugestão/modelo de carta de agradecimento pela participação no evento (Anexo III).

#### **4. Planejamento de eventos**

Ao planejar um evento, por mais simples que seja, espera-se a obtenção de resultados positivos. Por isso, seguir as metas e as propostas iniciais pode ser um fator relevante na realização desse tipo de atividade. Segundo Veloso (2001, p. 39), na organização de um evento é fundamental seguir “uma sequência lógica pontuada por procedimentos. As primeiras questões a se formalizar são a natureza do evento e o público a quem se destina”.

Certamente, organizar um evento não é uma tarefa fácil. Contudo, por se recorrer a guias e manuais, é possível conhecer os passos a serem adotados para que os objetivos sejam atingidos. Listamos a seguir alguns tópicos, que, segundo Cesca (2008), são passos específicos para a organização de um evento.

##### **4.1 Objetivos**

O primeiro passo para o planejamento de um evento é determinar quais são os objetivos que se deseja alcançar com a realização deste. Assim, é preciso que se dê muita atenção a este ponto. Serão considerados, portanto, os objetivos gerais e os específicos. Como sugestão, focamos um evento que abranja a participação dos pibianos, porém ressaltamos que esses princípios podem ser aplicados a outras categorias.

###### **4.1.1 Objetivo geral**

- Propiciar o diálogo entre os sujeitos envolvidos com os subprojetos do Pibid, visando à troca de experiências, à análise e reflexão sobre o desenvolvimento do Programa, bem como possíveis reconstruções.

###### **4.1.2 Objetivos Específicos**

- Colocar em destaque/debate a perspectiva dialógica, reflexiva e formativa de professores, tendo como base atividades/ações que emergem das escolas e/ou estão relacionadas a elas;

- Fomentar ações escolares que focalizem inovações do processo de ensino e aprendizagem, em especial aquelas que incluam um caráter investigativo da prática docente;
- Discutir, contrastar, avaliar e socializar os resultados de experiências escolares, em ambientes que congreguem coletivos de professores que debatem e avaliem suas investigações didáticas;
- Incentivar o desenvolvimento de uma cultura de investigação-ação da prática pedagógica, coerente com diretrizes atualizadas da formação de professores;
- Promover a criação e o desenvolvimento de coletivos de professores investigadores, como forma de garantir a continuidade da qualificação da educação escolar.

#### **4.2 Público Alvo**

Primordialmente, seguindo o modelo que estamos usando – a produção de um evento que discuta as vivências dos pibidianos – o público-alvo será constituído pelos sujeitos envolvidos diretamente com o desenvolvimento de subprojetos Pibid. No entanto, por extensão, buscar-se-á atingir um conjunto maior de professores da Educação Básica e das IES, bem como estudantes de licenciatura e de Pós-Graduação em Educação e outros profissionais que atuem no âmbito da educação, envolvidos com a investigação escolar e com a inovação da prática pedagógica.

#### **4.3 Recursos humanos**

Para que um evento, grande ou pequeno, possa ser realizado com êxito, ele dependerá de pessoas que executem, de modo responsável e consistente, as várias atividades exigidas. Dentre os setores necessários para o bom andamento do evento, podemos citar, além da comissão geral e da subcomissão científica, propriamente dita: transportes, hospedagem, vigilância, limpeza, recepção e credenciamento, sonorização, alimentação, cerimonial, divulgação, decoração etc. Todas essas atividades exigirão a seleção de pessoal qualificado e que precisará receber o devido treinamento.

Por isso, listamos alguns aspectos que poderão ser levados em consideração ao se selecionar o pessoal para ajudar na organização do evento:

- Traçar, com antecedência, o perfil dos colaboradores que serão selecionados;

- Garantir que as pessoas escolhidas recebam todas as informações e motivação necessárias para o exercício das atividades propostas;
- Estabelecer estratégias de trabalho;
- Determinar as necessidades de pessoal, tanto no aspecto quantidade quanto no de qualidade;
- Analisar as funções e as tarefas de grupo;
- Determinar quem fará o que e como.

#### **4.4 Recursos materiais**

A realização de um evento que atende a um número maior de participantes certamente exigirá recursos materiais mais expressivos. Neste caso, a comissão organizadora poderá pleitear um financiamento, patrocínio ou apoio cultural para que as necessidades materiais sejam suficientes. Entre outras possibilidades, pode-se recorrer às seguintes agências nacionais de financiamento:

- a) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): esta agência mantém o Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP), que visa impulsionar a realização de eventos científicos, tecnológicos e culturais de curta duração no país, com envolvimento de pesquisadores, docentes e discentes dos programas de pós-graduação. Para maiores informações e consultar os editais vigentes, pode-se recorrer ao site <http://www.capes.gov.br/apoio-a-eventos/paep>.
- b) Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): investe em ações de divulgação científica e tecnológica com apoio financeiro à editoração e publicação de periódicos, à promoção de eventos científicos – congressos, simpósios, workshops, seminários, ciclos de conferências e outros – e à participação de estudantes e pesquisadores nos principais congressos e eventos nacionais e internacionais na área de ciência e tecnologia. Endereço eletrônico: <http://www.cnpq.br>.
- c) Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG): periodicamente disponibiliza apoio à participação em eventos científicos, tecnológicos e de inovação no país ou no exterior e à realização de eventos no estado de Goiás. Pode-se obter mais detalhes no site institucional: <http://www.fapeg.go.gov.br>.

- d) Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP): esta agência apoia a cultura e eventos, publicações e exposições relevantes para a sociedade brasileira, no âmbito do sistema CT&I – Ciência, Tecnologia e Inovação – com a finalidade de promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Endereço eletrônico: <http://www.finep.gov.br/patrocinio-externo/edital>.

As propostas enviadas às agências de financiamento, com o objetivo de captar recursos para a realização de um evento, devem observar as condições específicas estabelecidas no edital vigente, quanto ao proponente, cronograma, recursos financeiros a serem aplicados, prazo para execução do projeto, critérios de elegibilidade, planilha de custos e credenciais dos organizadores. É indispensável observar as normas e os prazos próprios de cada uma dessas agências.

#### **4.5 Avaliação do evento**

A avaliação do evento é um aspecto que contribui para uma análise das percepções dos participantes, visando ao aperfeiçoamento dos próximos eventos a serem realizados. Assim, a avaliação objetiva colher informações, sugestões e opiniões dos participantes.

As questões avaliadas podem envolver a opinião do público sobre a divulgação, programação e organização do evento, temas abordados, probabilidade de aplicação dos pontos considerados, adequação das instalações do evento, dentre outras. Esses itens podem ser avaliados numa escala, como: péssimo, fraco, médio, bom, excelente ou não se aplica. Segue anexa uma sugestão de ficha avaliativa (Anexo IV).

A equipe organizadora do evento, de posse dos formulários de avaliação, se reunirá para considerar os resultados obtidos e traçar metas para o próximo evento.

#### **4.6 Lista de checagem**

A checagem dos passos planejados para a realização do evento é um recurso muito importante para que nenhum item seja desconsiderado. Pode-se, portanto, elaborar uma lista detalhada, à qual a comissão organizadora atentar-se-á. Alguns desses itens são:

- a) dimensão do evento;
- b) determinação do local;
- c) cronograma de atividades;
- d) convites: elaboração, listagem dos convidados, expedição;
- e) preparação da correspondência geral (autoridades, palestrantes, circulares);

- f) preparação da correspondência específica (departamento de trânsito, departamento de energia);
- g) material a ser entregue aos participantes (brindes, blocos, pastas, canetas, crachás);
- h) material gráfico (fichas de inscrição, folhetos, certificados, pastas, mapas, convites, programas, folders);
- i) material para impressa;
- j) hotel (reservas, serviços de informação);
- k) serviços logísticos (transportes, hospedagens);
- l) programação visual (folders, cartazes, anúncios, pastas);
- m) programação social;
- n) supervisão e operacionalização de serviços: recepção, secretaria, informações, tradutores, intérpretes, operador de som, luz e projetores, limpeza, segurança e estacionamento, fotografia, filmagem, manutenção, mestre de cerimônias (BRASIL, 2010a, p. 14).

A essa lista, acrescentamos a atenção às condições físicas de acessibilidade, propiciadas aos participantes com de necessidades específicas.

## **5. Cerimonial e protocolo**

O cerimonial é um “conjunto de formalidades específicas de um ato/evento público, dispostas numa ordem sequencial, que envolve a ordem de precedência (protocolo) a ser observada” (BRASIL, 2010a, p. 15), com a finalidade de ordenar corretamente o desenvolvimento de qualquer ato solene ou comemoração pública que necessite de formalização. O protocolo “constitui-se do conjunto de normas para conduzir atos oficiais sob as regras da diplomacia, tais como a ordem geral de precedência” (BRASIL, 2010a, p. 15).

Seguir as orientações indicadas por manuais especializados em cerimoniais, contribuirá para que o evento seja agradável para todos os presentes. Quando bem elaboradas, as formalidades do cerimonial, passam despercebidas, pois, acabam se integrando no evento como todo.

Para que um evento aconteça conforme as regras de cerimonial, devem-se aplicar alguns procedimentos, como disciplina, hierarquia, elegância, respeito, cortesia, bom senso, bom gosto e simplicidade, que os cerimonialistas seguem durante a sua organização e realização. Esses procedimentos, quando corretamente utilizados, possibilitam o alcance do sucesso nos eventos promovidos pelas instituições (BRASIL, 2005, p. 55).

No cerimonial, a ordem de precedência das falas das autoridades é definida pelo Decreto nº 70.274, de 9 de março de 1972, com alterações no Decreto nº 83.186, de 19/2/79<sup>1</sup>.

## 5.1 Composição de mesas diretivas

Existem diversos tipos de mesas utilizadas na organização de eventos. Cabe ao organizador recorrer aos manuais para se certificar das precedências corretas e, caso surja uma situação que não conste nos manuais, cabe o uso do bom senso. Listamos a seguir dois casos, que são os mais recorrentes.

### 5.1.1 Evento com mesa composta de número ímpar de pessoas

A pessoa mais importante fica no centro. A segunda pessoa mais importante fica à direita da pessoa mais importante. A terceira pessoa mais importante fica à esquerda da mais importante. A distribuição continua nessa ordem. Ou seja, com número ímpar de participantes, a pessoa mais importante (o primeiro da lista de precedência) é o número 1 e depois é distribuída a sequência da precedência um para a direita, outro para a esquerda (BRASIL, 2010a, p. 18).

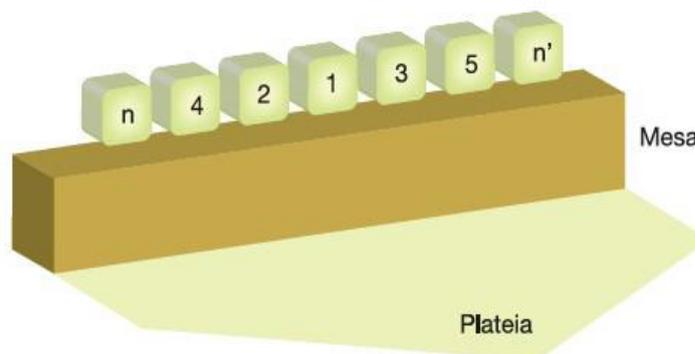


Figura 1: mesa composta de número ímpar de pessoas.

Fonte: (BRASIL, 2010a, p.18).

- 1 – Presidente do ato ou maior autoridade
  - 2 – Segunda maior autoridade
  - 3 – Anfitrião (quando não for o presidente do ato)
  - 4 – Terceira autoridade na precedência
  - 5 – Quarta autoridade
  - 6 – n, n' – ordem em que continua a montagem, para mesas de 7 lugares, 9 lugares, etc.
- (BRASIL, 2010a, p.18).

<sup>1</sup> Disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D70274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D70274.htm)  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D83186.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D83186.htm)

### 5.1.2 Evento com mesa composta de número par de pessoas

Ninguém fica no centro da mesa. É considerado um centro imaginário a partir do qual são colocadas as autoridades. A primeira pessoa mais importante fica à direita do centro imaginário. A segunda à esquerda do centro. A terceira pessoa fica à direita da primeira mais importante. A quarta à esquerda da segunda, e assim sucessivamente. Ainda, com número par de participantes, idealize um centro imaginário e coloque a pessoa mais importante o número 1 à direita, e depois se distribui a sequência da precedência da mesma forma, um para cada lado (BRASIL, 2010a, p. 18).

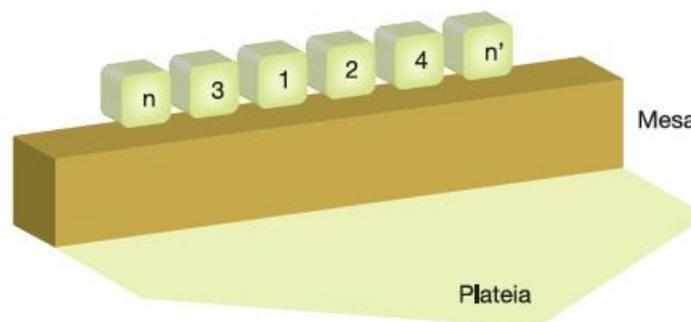


Figura 2: mesa composta de número par de pessoas.  
Fonte: (BRASIL, 2010a p.18).

- 1 – Presidente do ato ou maior autoridade
  - 2 – Anfitrião (quando não for o presidente do ato)
  - 3 – Segunda maior autoridade
  - 4 – Terceira maior autoridade
  - 5 – n, n' – continuação da montagem para 8, 10 pessoas, etc.
- (BRASIL, 2010a, p. 18).

### 5.2 Precedência

No cerimonial, a ordem de precedência é definida pelo Decreto nº 70.274, de 9 de março de 1972<sup>2</sup>, que, em 96 artigos, descreve todos os procedimentos hierárquicos que se aplicam ao tratamento das autoridades constituídas em todos os níveis – Federal, Estadual e Municipal – tanto da esfera política, como da esfera educacional.

### 5.3 Uso da Bandeira Nacional

O uso e disposição das Bandeiras e outros Símbolos Nacionais são regulamentados pela Lei 5.700, de 1º de setembro de 1971<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Disponível no site da Presidência da República: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/D70274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D70274.htm).

<sup>3</sup> Disponível no site da Presidência da República: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5700.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5700.htm).

As normas para todas as apresentações, em território brasileiro, exigem que a Bandeira Nacional ocupe um lugar de honra. Deverão ser obedecidas as seguintes disposições:

- 1- deve ocupar lugar de honra, que o centro, em caso de número de bandeiras ímpar; e centro-direita, em caso de número de bandeiras par;
- 2- com número ímpar de bandeiras: a Bandeira Nacional ao centro, a do Estado à direita, a do Município, ou da instituição à esquerda. A posição direita ou esquerda é sempre vista, posicionando-se no lugar da bandeira e olhando-se para a plateia;
- 3- com número par de bandeiras: a Bandeira Nacional ao centro-direita, a do Estado na posição centro-esquerda, a do Município na extrema direita e a da Instituição na extrema esquerda;
- 4- as bandeiras deverão estar situadas à direita da mesa de honra (de quem olha da mesa para o auditório), sem a presença de obstáculos e com a panóplia na mesma altura do palco;
- 5- outros usos de bandeiras (estrangeiras, por exemplo) deve-se consultar a legislação já citada;
- 6- no caso de evento em entidade que empreste o espaço, retirar a bandeira da entidade da panóplia;
- 7- em composição com as bandeiras dos Estados brasileiros, a Bandeira Nacional, é colocada ao centro, seguindo a ordem de constituição histórica (uma à direita, outra à esquerda sucessivamente). Quando o número de bandeiras for par, a Bandeira Nacional ocupa o lugar do centro à direita seguindo essa mesma ordem (BRASIL, 2010a, p. 20).

### 5.3.1 Esquema de dispositivo de bandeiras quando hasteadas

O esquema da disposição das bandeiras no pátio segue o modelo da figura abaixo. Considerando a posição do público sendo a rua:



(BRASIL, 2012, p. 16)

### 5.4 Execução de Hinos

Ao se executarem os Hinos na abertura das solenidades, os seguintes aspectos deverão ser observados:

- 1- na execução do Hino Nacional, as autoridades que estiverem compondo a mesa de honra deverão levantar-se e olhar para a plateia e não em direção às bandeiras. Símbolos nacionais têm a mesma importância e naquele momento o símbolo em destaque é o Hino;
- 2- a execução do Hino Nacional só terá início depois que todas as autoridades da mesa de honra, homenageados e formandos tiverem ocupado seus lugares. Ao ser executada numa solenidade, o público deve estar em pé (se possível), mantendo uma postura formal, em sinal de respeito;
- 3- nos cerimoniais em que se tenha de executar um Hino Nacional estrangeiro este deve, por cortesia, preceder o Hino Nacional Brasileiro;
- 4- por ser uma instituição de ensino, firmando um propósito educacional em relação aos símbolos nacionais, entende-se conveniente executar o Hino Nacional em todas as solenidades formais, como, por exemplo, abertura de Congressos, eventos com autoridades Municipais, Estaduais, Nacionais e encontros que reúnam grande público;
- 5- nos casos de simples execução instrumental, deverá ser tocada a música integralmente, mas sem repetição; nos casos de execução vocal, serão cantadas as duas partes do poema;
- 6- os hinos poderão ser executados por bandas de música, orquestras sinfônicas, mídias digitais, conforme a ocasião e o bom senso. Na presença de altas autoridades, por exemplo, o ideal é que o Hino Nacional seja executado por uma banda, um coral ou uma orquestra, ocasião em que se aplaudem os artistas;
- 7- quando o Hino Nacional for cantado deve-se apenas ouvi-lo. Ressalta-se que será aplaudido somente quando executado ao vivo. Assim, quando a execução do hino for eletrônica não se aplaude (BRASIL, 2010a, p. 24)

### **5.5 Mestre de cerimônias**

A presença do mestre de cerimônias, na realização de um evento, dependerá, em grande parte, da finalidade e abrangência que se espera com esse acontecimento. No caso de se utilizar os serviços de um cerimonialista, esse deve se ater as seguintes orientações:

- 1- o mestre de cerimônias deverá ter, além de conhecimento da Ordem de Precedência e Normas do Cerimonial Público, um mínimo de conhecimento das normas e regras que regem as solenidades, boa dicção e tranquilidade, senso de comando, responsabilidade, pontualidade, além de visual e comportamento compatíveis com o trabalho que está realizando.
- 2- quando da realização de eventos, algumas atribuições são conferidas ao mestre de cerimônias, tais como: seguir a pauta traçada; checar as instalações do púlpito, a posição das bandeiras, o funcionamento de microfones e materiais audiovisuais; conferir número de cadeiras da mesa diretiva; administrar as recepcionistas.

- 3- compete ao mestre de cerimônias a conferência de hinos, da presença de autoridades; a confirmação de pronunciamentos; ler cuidadosamente os nomes das autoridades; além de checar todo o roteiro do evento com a comissão responsável (BRASIL, 2012, p. 17).

## 5.6 Formas de Tratamentos

As regras de protocolo originaram diferentes normas de tratamento, usualmente ligadas aos cargos e funções ocupados. Portanto, a precedência dependerá estritamente da forma de tratamento correspondente à posição correspondente do convidado. Listamos, a seguir, algumas formas de tratamento, conforme a tradição e a norma culta.

Quadro 1: Formas de tratamento

<b>Autoridades do Estado</b>	<b>Por escrito</b>	<b>Pessoalmente</b>	<b>Abreviatura</b>
<b>CIVIS</b>			
Presidente da República	Excelentíssimo Senhor Presidente da República	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Senadores da República	Excelentíssimo Senhor Senador	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Ministros de Estado	Excelentíssimo Senhor Ministro	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Governadores de Estado	Excelentíssimo Senhor Governador	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Deputados Federais e Estaduais	Excelentíssimo Senhor Deputado	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Prefeitos Municipais	Excelentíssimo Senhor Prefeito	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Embaixadores	Excelentíssimo Senhor Embaixador	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Vereador	Senhor Vereador	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Cônsules	Senhor Cônsul	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Reitores de Universidades	Magnífico Reitor	Vossa Magnificência	V. Mag. <sup>a</sup>
Chefes das Casas Cívicas e Militares	Excelentíssimo Senhor	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais	Senhor Diretor	Vossa Senhoria	V. S. <sup>a</sup>
<b>JUDICIÁRIAS</b>			
Desembargador da Justiça	Excelentíssimo Senhor Desembargador	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Juizes de Direito	Excelentíssimo Senhor	Meritíssimo Juiz	M. Juiz

	Juiz		
Curador	Excelentíssimo Senhor Curador	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Promotor	Excelentíssimo Senhor Promotor	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
<b>MILITARES</b>			
Oficiais generais (até coronéis)	Excelentíssimo Senhor (patente)	Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>
Outras patentes militares	Senhor (Patente)	Vossa Senhoria	V. S. <sup>a</sup>
<b>AUTORIDADES ECLESIAÍSTICAS</b>			
Papa	Santíssimo Padre	Vossa Santidade	V.S.
Cardeais	Eminentíssimo Senhor	Vossa Eminência	V. Em. <sup>a</sup>
Arcebispos e Bispos	Reverendíssimo Senhor	Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. <sup>a</sup> V. Rev. <sup>ma</sup>
Abades e Superiores de Convento	Reverendíssimo Senhor	Vossa Reverendíssima	V. Rev. <sup>ma</sup>
Outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral	Reverendíssimo Senhor	Vossa Reverendíssima	V. Rev. <sup>ma</sup>
<b>AUTORIDADES MONÁRQUICAS</b>			
Reis e Imperadores	Sua Majestade Real Sua Majestade Imperial	Vossa Majestade	V. M.
Príncipes	Sua Alteza Imperial Sua Alteza Real Sua Alteza Sereníssima	Vossa Alteza	V. A.
<b>OUTROS TÍTULOS</b>			
Dom	Digníssimo Dom	Vossa Senhoria	V. S. <sup>a</sup>
Doutor (a)	Senhor (a) Doutor (a)	Doutor (a)	Dr. Dr. <sup>a</sup>
Comendador	Senhor Comendador	Comendador	Com.
Professor	Senhor Professor	Professor	Prof.

Fonte: Brasil (2010b, p. 30)

Maiores detalhamentos podem ser obtidos, também, em documentos, como o Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, disponível no endereço: [http://www.ifrj.edu.br/webfm\\_send/1563](http://www.ifrj.edu.br/webfm_send/1563).

## Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- BRASIL. Confederação Nacional da Indústria. **Manual de Eventos.** Brasília: 2005.
- \_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Senado Federal. Secretaria de Relações Públicas. **Manual de Eventos.** 2. ed. revisada e atualizada. Brasília: 2007.
- \_\_\_\_\_. Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. **Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo.** Brasília: 2010a.
- \_\_\_\_\_. Instituto Federal do Tocantins. **Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo do IFTO.** Brasília: 2010b.
- \_\_\_\_\_. Instituto Federal do Norte de Minas Gerais. **Guia de Eventos, Cerimonial e Protocolo do IFNMG.** Brasília: 2012.
- BZUNECK, José Aloyseo. Motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: E. Boruchovitch e J. A. Bzuneck (orgs.). **A motivação do aluno:** contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CESCA, Cleuza Gertrude Gimenes. **Organização de eventos:** manual para planejamento e execução. 9.ed. São Paulo: Summus, 2008.
- CHALMERS, Alan F. **O que é ciência afinal?** Trad. Raul Filker. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da Pedagogia.** Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: Gregolin, M. R.; Cruvinel, M. F.; Khalil, M. G. **Análise do Discurso:** entornos do sentido. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.
- GUARNIERI, Maria Regina. O início na carreira docente: pistas para o estudo do trabalho do professor. In: **Aprendendo a ensinar:** o caminho nada suave da docência. Campinas: Autores Associados, 2005.
- KAWAMURA, Maria Regina Dubeux; HOSOUME, Yassuko. A contribuição da Física para um Novo Ensino Médio. **Revista Física na escola.** São Paulo, v. 4, n. 2, p. 22-27, 2003.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo, nº 19 Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

MENEZES, Luis Carlos de. Uma Física para o Novo Ensino Médio. **Revista Física na Escola**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 6-8, 2000.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa, A. (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.

\_\_\_\_\_. **Novas disposições dos professores:** A escola como lugar da formação; Adaptação de uma conferência proferida no II Congresso de Educação do Marista de Salvador (Baía, Brasil), em julho de 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores:** unidade teórica e prática? 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

RICARDO, Elio Carlos. Problematização e contextualização no ensino de física. In: Anna Maria Pessoa de Carvalho, Elio Carlos Ricardo, Lúcia Helena Sasseron, Maria Lúcia Vital dos Santos Abib, Maurício Pietrocola. **Ensino de Física**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SCHWARTZMAN, Simon. Ciência da ciência. **Revista ciência hoje**. Rio de Janeiro, SBPC, v. 2, n. 11, Março-Abril, 1984.

TARDIF, M. Saberes, tempo e aprendizagem do Magistério. In: \_\_\_\_\_. **Saberes docentes e formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VELOSO, Dirceu. Organização de eventos e solenidades. Goiânia: AB, 2001.

VILLANI, Alberto. Reflexões sobre o ensino de Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 76-96, dez. 1984.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I – SUGESTÃO DE PROGRAMAÇÃO

### PRIMEIRO DIA DE EVENTO

8h - 18h	Credenciamento e entrega de materiais
19h - 19h30min	Solenidade de abertura
19h30min - 21h	Conferência de abertura:  <b>A Pesquisa em Ensino de Ciências para a Formação de Professores da Educação Básica</b>  (Palestrante convidado)
21h - 21h30min	Programação Cultural:  (Pessoa ou grupo convidado)

### SEGUNDO DIA DE EVENTO

8h - 12h	Minicursos
13h30min - 16h	Apresentações orais de trabalhos
16h30min - 17h30min	Apresentações de Pôsteres
19h - 22h	Mesa-redonda:  <b>Relações de poder entre IES e escola em contextos de desenvolvimento de projetos Pibid.</b>  (Convidado I) (Convidado II) (Convidado III)

### TERCEIRO DIA DE EVENTO

8h - 12h	Minicursos
13h30min - 16h	Apresentações orais de trabalhos
16h - 17h30min	Conferência de encerramento:  <b>Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo.</b>  (Palestrante convidado)

**APÊNDICE II – MODELO DE CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO NO EVENTO**

Jatai-GO, xx de xxxxxxxx de 20xx.

Ao (À) Sr. (Sr.<sup>a</sup>)  
Fulano de Tal  
(Especificar o título/cargo/função)

**Assunto:** Especificar a natureza do convite (palestra, conferência, discurso, debate)

Prezado (a) Senhor (a) (cargo),

O (nome da instituição que está sediando o evento) é uma instituição pública de ensino, sediada no (região do país), e está promovendo discussões sobre temas relacionados com a formação docente, mais especificamente, com as experiências dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) – alunos, professores supervisores, coordenadores de área – que buscam a promoção de melhorias na qualificação dos profissionais da Educação.

Haja vista a relevância dos trabalhos (citar nome do convidado) no que diz respeito a esse tema, vimos, pelo presente, fazer um convite a Vossa Senhoria (Ou Vossa Excelência, se for o caso), para que profira uma (palestra, conferência, discurso, debate) no (Nome do evento), que ocorrerá (Local, endereço, data do evento).

Caso seja possível esta imensurável contribuição ao (Nome do evento), sugerimos que o tema a ser definido contemple os seguintes aspectos relacionados à formação docente: (citar aspectos que o convidado poderá abranger).

Asseveramos que a realização desta (palestra, conferência, discurso, debate) representará um importante marco na trajetória acadêmica e profissional dos presentes no evento.

Atenciosamente,

**Comissão Organizadora do Evento**

### **APÊNDICE III – MODELO DE AGRADECIMENTO PELA PARTICIPAÇÃO NO EVENTO**

Jatai-GO, xx de xxxxxxxx de 20xx.

Ao (À) Sr. (Sr.<sup>a</sup>)  
Fulano de Tal  
DD (especificar o título/cargo/função)

**Assunto:** Agradecimentos pela (Especificar a natureza da participação - palestra, conferência, discurso, debate)

Prezado (a) Senhor (a),

A par de cumprimentá-la, esta Comissão Organizadora (Nome do evento) vem expressar os agradecimentos a Vossa Senhoria, pelo proferimento da (Especificar a natureza da participação - palestra, conferência, discurso, debate) com o tema: (citar tema abordado), ocorrido (a) no dia (data), como parte da programação do (evento).

A propriedade na abordagem do tema e a perspectiva dialógica adotada propiciaram aos presentes uma relevante reflexão sobre (breve resumo do tema abordado).

Isto posto, externamos os nossos agradecimentos e cumprimentamo-lo(la) pela consistência das considerações feitas e pelo espaço de interação propiciado por sua primorosa fala.

Atenciosamente

**Comissão Organizadora do Evento**

## APÊNDICE IV – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

### QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

Sua opinião é muito importante para que possamos melhorar nossos próximos eventos. Não é necessário identificar-se.

Por favor, atribua um conceito a cada um dos quesitos apresentados na tabela a seguir:

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

<b>Logística e infraestrutura</b>				
<b>Indicador</b>	<b>Grau de Satisfação</b>			Se desejar faça aqui seu comentário:
	Bom	Regular	Ruim	
Divulgação				
Recepção				
Acesso ao local				
Instalações				
Equipamentos				
Organização Geral				

<b>Programação</b>				
<b>Indicador</b>	<b>Grau de Satisfação</b>			Se desejar faça aqui seu comentário:
	Bom	Regular	Ruim	
Palestrante				
Conteúdo dos temas				
Carga horária				

Você indicaria a outras pessoas a participação neste evento? Sim ( ) Não ( )

Justifique.

---



---



---



---



---



---



---

Comentários (sugestões) opcionais.

---



---



---



---



---